

VOL II

POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Patrícia Vasconcelos Almeida
Mauriceia Silva de Paula Vieira
(Organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS
2020

VOL II

POR PALAVRAS E GESTOS

A ARTE DA LINGUAGEM

Patrícia Vasconcelos Almeida
Mauriceia Silva de Paula Vieira
(Organizadoras)



**EDITORA
ARTEMIS**
2020

2020 by Editora Artemis
Copyright © Editora Artemis
Copyright do Texto © 2020 Os autores
Copyright da Edição © 2020 Editora Artemis
Edição de Arte: Bruna Bejarano
Diagramação: Helber Pagani de Souza
Revisão: Os autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*.
Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Editora Chefe:

Prof^ª Dr^ª Antonella Carvalho de Oliveira

Organizador:

Wilson Noé Garcés Aguilar

Bibliotecário:

Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial:

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.^ª Dr.^ª Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^ª Dr.^ª Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)
Prof.^ª Dr.^ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Prof.^ª Dr.^ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, University of Miami and Miami Dade College - USA
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín - Colômbia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^ª Dr.^ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
Prof.^ª Dr.^ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo

Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP)
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, Corporación Universitaria Autónoma del Cauca - Colômbia

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

P832 Por palavras e gestos [recurso eletrônico] : a arte da linguagem vol II
/ Organizadoras Patricia Vasconcelos Almeida, Mauriceia Silva
de Paula Vieira. – Curitiba, PR: Artemis, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87396-11-8

DOI 10.37572/EdArt_118310720

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vieira, Mauriceia Silva de
Paula. II. Almeida, Patricia

CDD 469

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

APRESENTAÇÃO

Os estudos que envolvem a linha de ensino-aprendizagem de línguas, seus métodos e seus princípios, percorrem searas diversas e acabam por tangenciar as questões relacionadas aos aspectos culturais. Por essa razão, é recorrente a menção de que língua e cultura são indissociáveis, posição essa reverberada por Kramsch (1998) que, há mais de duas décadas, já afirmava que as línguas expressam e simbolizam realidades culturais.

Desta forma, seja nos aspectos instrumentais da língua, seja nas especificidades do ensino da língua materna, neste caso a língua portuguesa, bem como nas peculiaridades do ensino de língua estrangeira - língua inglesa e língua portuguesa para estrangeiros - e ainda na sutileza da língua brasileira de sinais e da língua indígena, os aspectos linguísticos estão entrelaçados às questões culturais.

Considerando também as oportunidades e possibilidades oriundas de um novo saber constituído pelo processo de ensino-aprendizagem de línguas, é possível perceber que independentemente do prisma em que se observa, se estuda e se teoriza o processo de ensino-aprendizagem da língua, as premissas da internacionalização se fazem presentes quando a intenção é fornecer subsídios que viabilizem as trocas interculturais entre os aprendizes de línguas. Não limitado aos aspectos linguísticos, é possível encontrar no ensino da literatura, dos gêneros textuais, dos enunciados - e porque não mencionar dos comportamentos sociais vistos como uma manifestação de linguagem - congruências que permitem ressaltar sua significação em benefício do aprendiz de línguas.

Assim, esperamos que este segundo volume do livro *Por Palavras e Gestos: A Arte da Linguagem* seja mais uma contribuição para os profissionais e estudiosos que se veem envolvidos na busca da compreensão dos diversos aspectos que constroem o processo de ensino-aprendizagem de línguas.

Patricia Vasconcelos Almeida
Mauriceia Silva de Paula Vieira

SUMÁRIO

O ENSINO DE LÍNGUAS E SUAS NUANCES

CAPÍTULO 1	1
A LINGUAGEM DE ALUNOS DE INGLÊS PARA FINS ESPECÍFICOS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA	
Elaine Lima de Sousa Marta de Faria e Cunha Monteiro	
DOI 10.37572/EdArt_1183107201	
CAPÍTULO 2	13
UM ESTUDO SOBRE A VARIAÇÃO LEXICAL EM LÍNGUA INGLESA	
Rafaela Sepulveda Aleixo Lima Aline das Graças Monteiro Miranda Barros	
DOI 10.37572/EdArt_1183107202	
CAPÍTULO 3	27
LEITURA E PRODUÇÃO DE SINOPSE DE FILMES: EM CENA A COMPREENSÃO INTERCULTURAL DO CINEMA ¹	
Alana Oliveira da Cruz Ventura Risonete Lima de Almeida	
DOI 10.37572/EdArt_1183107203	
CAPÍTULO 4	37
A APRENDIZAGEM DO PORTUGUÊS POR FALANTES DO INGLÊS E A PERMEABILIDADE DA INTERLÍNGUA	
Edith Santos Corrêa	
DOI 10.37572/EdArt_1183107204	
CAPÍTULO 5	51
ENSINO DE LÍNGUAS BASEADO EM TAREFAS: PRINCÍPIOS PARA A ELABORAÇÃO DE TAREFAS	
Catarina Castro	
DOI 10.37572/EdArt_1183107205	
CAPÍTULO 6	63
O REFLEXO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO DA VIOLÊNCIA NO BRASIL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA O ENSINO DO PLE	
Javier Martín Salcedo	
DOI 10.37572/EdArt_1183107206	
CAPÍTULO 7	76
O ROTEIRO CULTURAL COMO CAMINHO PARA A INTEGRAÇÃO DO OUTRO	
Maria Isabel Cipriano Machado	
DOI 10.37572/EdArt_1183107207	
CAPÍTULO 8	88
LETRAMENTO INTERCULTURAL BILÍNGUE NA ESCOLA MUNICIPAL INDÍGENA TUPANA YPORÓ EM IRANDUBA, MUNICÍPIO DO ESTADO DO AMAZONAS	
Alesandro de Lima Gomes Francisca de Lourdes Souza Louro	
DOI 10.37572/EdArt_1183107208	

CAPÍTULO 9 105

AÇÕES DE INTERNACIONALIZAÇÃO DO IFMT CAMPUS BARRA DO GARÇAS: OPORTUNIDADES E POSSIBILIDADES A PARTIR DAS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Renata Francisca Ferreira Lopes
Rafael José Triches Nunes
Elisângela Kipper
Ana Paula Vasconcelos da Silva
Renan Rezende Coelho
Kelly Cristhel do Nascimento Pimentel
Kátia Caetano Diniz Bonfim
Raquel Araújo Mendes de Carvalho

DOI 10.37572/EdArt_1183107209

OUTROS SENTIDOS PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LINGUAS

CAPÍTULO 10 119

A LITERATURA NO ENSINO MÉDIO PODE SER UM CAMINHO PARA A FORMAÇÃO DE UM LEITOR?

Frank Alves Damasceno

DOI 10.37572/EdArt_11831072010

CAPÍTULO 11 130

LEITURA E ESCRITA: UMA PROPOSTA DE ENSINO COM O GÊNERO TEXTUAL NOTÍCIA APLICÁVEL AO ENSINO MÉDIO

Manoel Cândido Nogueira (UFCG)
Leandro de Souza França (UFCG)
Hérica Paiva Pereira (UFCG)

DOI 10.37572/EdArt_11831072011

CAPÍTULO 12 141

DISCURSO MONOLÍNGUE E PRÁTICAS DE TRANSLINGUISMO: UM ESTUDO SOBRE OS ENUNCIADOS DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Noêmia Maria de Souza

DOI 10.37572/EdArt_11831072012

CAPÍTULO 13 152

O MITO AMAZÔNICO: UMA TRADIÇÃO ORAL

Micheline Tacia de Brito Padovani

DOI 10.37572/EdArt_11831072013

CAPÍTULO 14 162

ASPECTOS SIMBÓLICOS DO ALEITAMENTO MATERNO

Danielle de Fatima Silva Ferreira

DOI 10.37572/EdArt_11831072014

SOBRE AS ORGANIZADORAS..... 178

ÍNDICE REMISSIVO 179

O MITO AMAZÔNICO: UMA TRADIÇÃO ORAL

Data de submissão: 30/06/2020

Data de aceite: 20/07/2020

Micheline Tacia de Brito Padovani

Instituto de Pesquisa, PUC-SP

São Paulo, Brasil

mtbpadovani@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/0365310019758361>

[...] Um contador de histórias é justamente o contrário do historiador, não sendo um historiador, afinal de contas, mais do que um contador de histórias. Por que essa diferença? Simples, leitor, nada mais simples. O historiador foi inventado por ti, homem culto, letrado, humanista; o contador de história foi inventado pelo povo, que nunca leu Tito Lívio, e entende que contar o que se passou é só fantasiar.

(Machado de Assis)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Partindo de uma abordagem textual-interativa, objetivamos analisar e discutir o diálogo entre as imagens míticas amazonenses e sua reelaboração pelas vozes do narrador. Buscamos demonstrar que a imagem do narrador na sociedade rural amazonense, não pode ser compreendida fora do contexto social,

o valor social do contador de histórias que, sob os olhos da sociedade que ouve e observa a contação de histórias mítica e cheia de magia significa naquele contexto que o conhecimento dos antepassados está sendo partilhado, que alguém é conhecedor dos costumes e da palavra. Assim, veremos a representação de poder e conhecimento históricos sociais realizadas por meio da imagem do narrador, tendo em vista sua função como elemento articulador entre informações antigas e novas, contribuindo para manutenção da interlocução passado e presente, já que o enunciador além de restaurar o texto-fonte (o passado) de modo diferente, interpreta também o texto derivado (o presente) ao produzi-lo no presente. As reformulações textuais realizadas por meio da paráfrase e da repetição, que visam articular essas informações antigas e novas, contribuem para o processo de coesão textual. Diante disso, nos basearemos, em estudos de Fuchs (1982), Hilgert (1981), Fávero (1997), Coelho (2003), Loureiro (2001), Benchimol (2011), entre outros, nos quais podemos verificar que a paráfrase e a repetição são tidas como recursos linguísticos fundamentais para a língua, porque modificam enunciados intensificando-os, expandindo-os e reduzindo-os.

LITERATURA E ORALIDADE

A literatura como área do saber/conhecimento tem abrangência que invade e interpreta os diferentes campos: sociais, culturais, econômicos e políticos. Essas manifestações humanas expressam, tocam e criam sentidos que alimentam a mente humana, trazendo ao homem o conhecimento do mundo. As mais instigantes formas de se acessar o mundo é possível com a literatura.

Todo e qualquer conhecimento pode nascer ou ser adquirido com a palavra literária, a literatura põe em cena as reflexões do papel humano no decorrer da história, com a memória afetiva do lugar de origem, resgata lembranças da infância, da juventude e da velhice do povo. É no contato social com a família que se inicia a apropriação e aprendizagem de leitura do mundo. Assim, as narrativas contadas em contexto familiar são alimentos fundamentais para o início das experiências com o mundo e com o imaginário.

As histórias despertam a imaginação, as emoções, o interesse, as expectativas... ouvir uma história e/ou contá-la e recontá-la é uma maneira de preservar as culturas, os valores e compartilhar o conhecimento. O primeiro contato da criança com o texto, geralmente, é por meio das histórias apresentadas, oralmente, por pais e familiares. Elas podem ser contadas em diversas ocasiões como: ao acordar durante uma tarde chuvosa, antes de dormir, preparando para um sono tranquilo e restaurador... Essa prática é extremamente importante, é o início do processo de aprendizagem.

Desde os primórdios da humanidade que existem os contadores de histórias, que se reuniam ao redor das fogueiras para contar histórias, assegurando na memória das pessoas: mitos, costumes, lendas, fatos históricos, causos, e os propagando de geração em geração. Segundo Caldin (2002, p. 5) “[...] nas sociedades primitivas, os contadores de histórias eram muito respeitados, pois se reputavam como a memória da comunidade”. Os humanos contam histórias desde o início do desenvolvimento das habilidades de comunicação e de fala, assim o ato de contar histórias promoviam momentos de união e confraternização, além de propiciarem a troca de experiências entre gerações, assim para Malba Tahan;

Desde os tempos mais remotos o homem, percebendo que cada habilidade que possuía era um recurso à sua disposição para conquistar o respeito e a veneração dos seus semelhantes, começou a cultivar o seu talento e a especializar-se nas artes. Para entreter àqueles que o cercavam e receber a sua aprovação e admiração, usava ele, com especialidade, a arte de contar histórias. Pouco a pouco, o contador de histórias tornou-se o centro de atenção popular pelo prazer que as suas histórias proporcionavam. (1964, p. 23).

As histórias narradas oralmente visavam compreender os mistérios trazidos pela natureza, como a criação do céu e da terra, os movimentos da lua, o surgimento do dia e da noite e até a criação dos homens. Na antiguidade, os contadores de histórias, denominados “aedos” pelos gregos, utilizavam fundamentalmente o recurso da língua falada, para reunir multidões encantadas com as sábias narrativas.

Sisto (2012) declara que não existe uma maneira única de contar histórias, pois cada contador conta a seu modo uma mesma história. Todavia, essa atividade requer certas habilidades que se tornam essenciais, como conhecimento acerca da história, a capacidade de estabelecer empatia entre os interlocutores, a preocupação com a linguagem não verbal, entre outros. Piza (2006, p. 19) destaca na atividade a influência do “[...] narrar na expressão do corpo, na tonalidade da voz e no olhar do contador para com os seus ouvintes.” Sisto (2012, p. 101) assevera que “[...] o contador de histórias é um todo orgânico que se expressa pela voz, pelo corpo e pelas expressões faciais [...]”.

De acordo com Busatto (2003, p. 9) “[...] o contador de histórias empresta seu corpo, sua voz e seus afetos ao texto que ele narra, e o texto deixa de ser signo para se tornar significado.” Nesse contexto, destaca-se a importância dos contadores de histórias terem o conhecimento de que a comunicação não verbal interfere fortemente e positivamente na realização da atividade de contar histórias.

Silva et al. (2000, p. 53) ressalta que a comunicação não verbal;

[...] exerce fascínio sobre a humanidade desde seus primórdios, pois envolve todas as manifestações de comportamento não expressas por palavras, como os gestos, expressões faciais, orientações do corpo, as posturas, a relação de distância entre os indivíduos e, ainda, a organização dos objetos no espaço.

Lemos (2006, p. 3) destaca que “a comunicação não verbal é uma fonte muito rica em mensagens que incide sobre a comunicação verbal [...]”, posto que, os sinais não verbais podem confirmar, complementar ou mesmo contradizer a mensagem verbalizada. Para Guiraud (2001), é por meio de gestos, expressão facial, entoação de voz, postura, que os seres podem transmitir mensagens, ideias e emoções. De acordo com o propósito, os códigos corporais sugerem diferentes tipos, sendo eles: “[...] os substitutos da linguagem articulada, nos quais o gesto e a mímica suprem os sons, linguagem dos surdos-mudos [...]” e os “[...] auxiliares a linguagem articulada, nos quais os gestos ou outros movimentos do corpo acompanham a fala”, conforme Guiraud (2001, p. 6)

Consoante com as afirmações acima, Brenman (2012, p. 105) destaca que “as entonações vocais registram uma infinidade de emoções, que são constantemente alimentadas pelas reações dos ouvintes.” O autor acrescenta ainda que “a voz, por sua vez, não trabalha sozinha, ela reverbera em todo o corpo do contador: os olhos, os gestos, a expressão facial. O narrador oral é um artista da voz e do gesto.” (BRENMAN, 2012, p. 105).

Todo esse panorama torna evidente a estreita ligação entre os aspectos da linguagem não verbal e a contação de histórias. Nesse sentido, é indiscutível que a apropriação do conhecimento da linguagem não verbal amplia a percepção do contador de histórias com relação às interações, aumentando a qualidade da atividade da hora do conto.

O QUE É MITO

A palavra mito deriva do grego para significar história ou palavra. Tanto as lendas como os mitos não têm autoria conhecida, explicam a existência do homem e os mistérios da natureza. Apresentam como tema sentimentos básicos: paixão, amor, ódio e medo. O mito e lenda, às vezes, são confundidos, já que os limites de cada um são tênues, para Salomão Khéde (1990);

O mito diz por que as coisas são e como são, aplicando-se à universalidade da lei. A lenda vive da possibilidade de que as coisas sejam diferentes.

Na origem da lenda há um criminoso ou um santo, um monstro, aquele a partir do qual o escândalo ocorre. (p. 34).

Segundo Brandão (2000);

Apesar dos aspectos fantasiosos, dos elementos fantásticos e aparentemente ilógicos que o povoam, o mito é verdade para o povo que o cultiva, está profundamente enraizado no seu tecido social, distinguindo-se, portanto, da lenda e sobretudo da superstição. (p.54)

Assim, convém dizer que o mito “se liga a uma razão, a uma lógica, e a uma lei universal. A lenda é histórica, testemunhal e marginal, porque tem em suas origens o milagre ou o crime ocorridos em torno do herói” Salomão Khéde (1990, p. 34). Então, o mito caracteriza-se como uma primeira fala sobre o mundo, uma atribuição de sentido em interacional com a imaginação, para levar o homem à uma acomodação no mundo.

Sendo assim, o mito é uma narrativa de significação simbólica, é transmitida de geração em geração, considerada verdadeira ou autêntica dentro de um grupo social e que apresenta “à exigência de tomar-se um texto artístico como um complexo significativo de falas dispostas como se em ondas que se reiteram, se conflitam, se alargam como mirante simbólico do eu, nós, tu, o outro, os sujeitos das redes de relações linguístico-sociais” (AMARILLIS, 2005, P. 306). Neste capítulo, abordaremos a narrativa de *Iara* em que a personagem é o mito.

MITO AMAZONENSE E PARÁFRASE

A área rural é a que mais representa a identidade amazônica, pois tem uma ligação forte com as raízes tradicionais, prevalecendo à manutenção cultural por meio da tradição oral passada de geração para geração pelos habitantes mais antigos da região. É mais propício um ambiente mitológico pela forte relação com a natureza (animismo); neste, a sociedade está mais ligada às crenças culturais por ter preservado a cultura tradicional construída há muito tempo pelo caboclo amazonense.

De acordo com Benchimol (2011), o fato do caboclo amazonense ter uma relação tão estreita com a natureza merece atenção maior porque é exatamente

nesse ambiente onde os problemas se tornam muito complexos e diferenciados no tempo e no espaço por trazerem à discussão aspectos culturais, valores éticos e sociais gerados pelos homens e pelas sociedades. A interlocução dialógica entre imagens míticas e sua reelaboração pelas vozes do narrador oral tradicional em contexto social aponta para esse contexto cultural amazonense.

O mito em comunidades rurais na Amazônia tem forte representação identitária, apresenta-se como fator de ligação entre as raízes tradicionais e o contexto atual, mantendo a interlocução cultural por meio da tradição oral passada de geração em geração. A imagem do narrador na sociedade rural amazonense, não pode ser compreendida fora do contexto social, sob os olhos da sociedade que ouve e observa a contação de histórias míticas e cheias de magia significa que o conhecimento dos antepassados está sendo compartilhado, que alguém é conhecedor dos costumes e da palavra e, é capaz de reconhecer o passado, o presente e o futuro.

Em consonância Salomão Khéde (1990, p. 13) discorre que “o narrador é o doador de discurso. Ele é o dono da verdade una e indivisível”. O narrador é uma figura confiável para a comunidade, ao narrar o mito mostra-se competente em exprimir sentido à vida coletiva, às expectativas, aos sonhos, aos anseios e temores da sociedade. A memória é uma forma de celebrar os ancestrais: guerreiros, curandeiros, reis. A narrativa mitológica é uma forma de superar a morte e sobreviver as dificuldades, lembrar e contar histórias são fundamentais para refutar e afirmar o desejo de vida e de continuidade, em acordo com Tzvetan Todorov constatamos que “a narrativa é igual à vida; a ausência de narrativa, à morte” (2006).

Os ameríndios e os seus descendentes caboclos Benchimol (2011) em interlocução com Teodoro Sampaio o tupi caa-boc, “tirado ou procedente do mato”, desenvolveram sua cultura em íntimo contato com o ambiente físico, adaptando o ciclo de vida às características regionais e oportunidades econômicas oferecidas pela floresta, várzea e rio, deles retirando os recursos materiais de sua subsistência, os seus mitos e lendas.

A força social e cultural expressa na oralidade em voz enunciativa do narrador não é sua, mas em contexto interativo constrói-se como propósito de uma causa externa. A palavra vem de uma inspiração divina, que alimenta e preserva divindades no presente. A presença do narrador é primordial, que caracteriza-se como uma figura “que se transformou em contador de estórias, (alguém que não se apresenta como autor, não inventou os fatos narrados, mas presenciou-os ou soube deles por alguém, guardou-os na memória e os conta para outros)”, Coelho, 1993. A autora aponta que a condição de narrador primordial ocorre como uma máscara, como um personagem assumido pelo sujeito enunciador, que toma para si a função de mediador de uma projeção de verdade enunciativa, que cabe o sonho, a imaginação, a esperança, o desejo, os medos e anseios.

A paráfrase e a reformulação são marcadores capazes de delinear esse perfil, fazem parte da refutação argumentativa no momento enunciativo, mostram referências de testemunhal, ou seja, dá voz ao testemunho vivido pelo ouvinte que confia na história enunciada pelo narrador. Ao parafrasear a narrativa, o narrador primordial constrói uma relação confiável, não está em discussão se o mito é verdadeiro ou falso, está em jogo uma convenção narrativa que é partilhada oralmente e evoca tradições passadas.

As lendas amazônicas mexem com o imaginário do caboclo amazonense, pois a cada estória contada e recontada, o ribeirinho se vê nesse mundo de sonhos e encantamentos que o faz, mesmo que seja por alguns minutos, esquecer da vida dura, comum aos que vivem no Amazonas.

Para Coelho (2003), as lendas são narrativas, são textos que ora descrevem entes sobrenaturais, ora apresentam uma história; referem-se a acontecimentos que ocorrem desde o longínquo passado, mas que podem ser contadas por qualquer pessoa a qualquer momento. Toda lenda transmite os ensinamentos e os valores da sociedade à qual estão vinculadas e, também, apresentam regras de conduta e explicam fenômenos da natureza. Para o mesmo autor, as lendas transmitem a cultura amazônica e que no meio social indígena eram utilizadas para explicar naturalmente a vida assombrosa no meio na floresta. As cheias dos rios, as fases da lua, as novas espécies de plantas que surgiam ao redor da aldeia, aqueles que subiram aos céus depois de uma batalha ou uma tragédia sem explicações. Para os indígenas e para os caboclos o maravilhoso é narrado sem ser cômico, há uma veneração.

A reformulação por meio da paráfrase no plano discursivo também é tratada por Fuchs (1985, p. 130) “como uma atividade efetiva de reformulação pela qual o locutor restaura (bem ou mal, na totalidade ou em parte, fielmente ou não) o conteúdo de um texto-fonte sob a forma de um texto-segundo”.

A autora evidencia que as possibilidades de manifestações parafrásticas não desprezam os fatores não linguísticos, pois são constituídos nas relações biossociais, assim paráfrase não se manifesta apenas na estrutura linguística, mas também se manifesta em situações em que os participantes se envolvem: o locutor com sua intenção e o alocutário com sua recepção/ interpretação.

Fávero (1997, p. 53, apud Fuchs, 1983) “a paráfrase é um mecanismo de reformulação pelo qual se restaura bem ou mal, na totalidade ou em partes, fielmente ou não, o conteúdo de um texto-fonte, num texto derivado”, a autora destaca ainda que a paráfrase funciona como elemento articulador entre informações antigas e novas, contribuindo para a coesão textual, já que o enunciador além de restaurar o texto-fonte de modo diferente, interpreta também o texto derivado ao produzir uma paráfrase.

Assim, notamos que o processo de reconstituição textual pode ser propiciado pela produção parafrástica numa perspectiva linguística cognitiva, uma vez que a

reformulação manipula os princípios de funcionamento da língua. Hilgert (2006, p.275) destaca que o parafraseamento é “uma estratégia de construção textual que se situa entre as atividades de reformulação, por meio das quais novos enunciados remetem, no curso da fala, a enunciados anteriores, modificando-os total ou parcialmente”. Para Fuchs “a paráfrase não é, em si mesma, uma propriedade de formulações linguísticas, mas o resultado de uma estratégia cognitivo-discursiva dos sujeitos” (p. 130-131).

RESULTADOS

A mito de lara mostra que a presença da figura feminina em contexto amazônico apresenta o empoderamento das mulheres em busca de representação social ou liberdade. Xavier (2007), na lenda está presente o maior empoderamento feminino que se tem conhecimento, pois representa a mulher guerreira, dona de sua vida e de seu corpo, são mulheres livres e emancipadas de corpo e alma, fora do controle masculino e das leis temporais dos homens, elas seguem as leis da natureza e da terra, da mãe terra.

A história da lara conta que ela é dona de uma beleza invejável. Reza a lenda que os irmãos sentiam inveja de lara, também **considerada corajosa guerreira** e, por isso, resolvem matá-la.

Todavia, no momento do embate, pelo fato de **possuir habilidades guerreiras**, lara consegue inverter a situação e acaba matando seus irmãos. (grifos nossos).

O mito de lara, especialmente, o trecho em destaque a presença da paráfrase por repetição de “guerreira”, evidencia-se que “a repetição é fundamental tanto em situações rituais como na interação cotidiana” Koch (2001, p. 118), a repetição na língua portuguesa, em especial, no Brasil são de ordem sintática e lexical. Fávero (1997, p. 71) destaca que “as repetições favorecem a coesão, porém esta não é sua única função, já que contribuem especialmente para a organização tópica; têm alta incidência na fala espontânea, advinda de uma característica do texto falado em que planejamento e execução co-ocorrem. Assim, ao retomar oralmente guerreira, mas com adjetivação diferenciada o narrador enfatiza a importância da figura feminina como mulheres livres, autônomas, sem nenhum homem que lhes dessem ordem ou controlassem seus corpos, atitudes ou comportamento. As guerreiras eram mulheres livres e emancipadas de corpo e alma, fora do controle masculino e das leis temporais dos homens, elas seguiam as leis da natureza e da mãe terra.

Os peixes do rio resolvem salvar a bela jovem transformando-a na sereia **lara**. Desde então, **lara** habita **os rios amazônicos** conquistando homens e depois levando-os ao **fundo do rio**, os quais morrem afogados.

Acredita-se que se o homem consegue escapar dos encantos de **lara** ele fica louco, num estado de torpor e somente um pajé poderá curá-lo.

A repetição com função de ênfase ocorre quando um item é repetido para ficar em evidência. A leitura do trecho do mito amazônico revela que o nome da

guerreira lara, fica em evidência porque o locutor destaca, enfatiza e retoma de forma enunciativa a importância, a coragem e todas as características que podem ser atribuídas a lara, o locutor evoca o ouvinte.

No excerto o processo de reconstituição textual parafrástica é utilizado para caracterizar a natureza amazônica. Loureiro (2000), discorre que como o caboclo ribeirinho vive em uma das maiores florestas, rica em fauna e flora da América, além de possuir uma grande extensão de rios, ele mantém uma estreita relação com a natureza e uma grande dependência dos rios.

Para o autor, “a relação do homem da Amazônia, do caboclo, com os rios é uma relação diretamente sensível. Não é uma relação memorialista de histórias contadas num tempo passado. Suas histórias, mesmo envolvendo densa mitologia, são histórias presentificadas” (LOUREIRO, 2000, p. 251). Em consonância com o discurso de Loureiro, Santos afirma que “a água é um elemento crucial, não só para a sobrevivência das guerreiras, mas principalmente para a realização dos seus rituais – ligação com a grande Mãe – Terra. A água apresenta-se como fonte de vida, força, fertilidade, pureza e energização, sempre presente em todo o contexto das Amazonas. Conseguem o seu alimento por meio da água, conquistam os seus amuletos – os muiquitãs no fundo do rio, apresentam os seus filhos a grande Mãe-Terra, sendo, portanto, instrumento da purificação ritual.” (2017, p. 30).

Nessa esteira, destacamos que o mito amazônico guarda a cultura, na fisionomia de contador de histórias e na intimidade com os elementos da floresta. Com os mitos e as lendas amazônicas têm-se a memória viva do povo da floresta, do índio ancestral, das margens dos rios a pairar no tempo num entrelaçamento de vozes discursivas. São essas vozes que ativam o discurso não grafado que verbera na textura das frases pronunciadas, nos avessos intemporais da floresta.

CONCLUSÃO

A pesquisa nos possibilitou compreender que a paráfrase e a repetição constituem-se como elementos de reformulação. Além disso, vemos que o sujeito/falante deve ser levado em consideração durante a produção textual, pois ao realizar um enunciado discursivo, pressupõe-se uma intenção que direciona o “o que dizer”. Assim, não resta dúvida de que a repetição e a paráfrase são recursos linguísticos, que auxiliam na promoção, manutenção e continuidade do tópico discursivo, favorecendo a compreensão.

A narrativa *lara*, recorte da pesquisa em questão, assim como as outras lendas e mitos da cultura popular do Amazonas, fazem parte da historicidade do caboclo amazonense, criada na tentativa de dizer o indizível por meio de fatos sobrenaturais que iam além do real e racional, mas que retratam situações cotidianas que misturam ficção, realidade, imaginário, drama, romance, graça e cujo espaço se concentra nos rios e florestas.

REFERÊNCIAS

- AMARÍLIS, Tupiassú. Amazônia, das travessias lusitanas à literatura de até agora. *Revista Estudos Avançados* 19 (53), 2005, p. 299-320.
- ANTUNES, Irandé. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola, 2005.
- ARAÚJO, Gabriel. *Truncamento e reduplicação no português brasileiro*. *Revista de Estudos da Linguagemísticos*, Belo Horizonte, v.10, n.1, p.61-90, jan./jun. 2002.
- BRANDÃO, Helena N. Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. São Paulo: Cortez, 2000.
- BRENNAN, Ilan. *Através da vidraça da escola: formando novos leitores*. 2. ed. Belo Horizonte: Aletia, 2012.
- BUSATTO, Cléo. *Contar e encantar: pequenos grandes segredos da narrativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. *A oralidade e a escritura na literatura infantil: referencial teórico para a hora do conto*. Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., Florianópolis, n. 13, maio, 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2002v7n13p25/5213>>. Acesso em: 27 jul. 2018.
- CASTILHO, A. T. de. (Org.). *Para a história do português brasileiro*. v. 1: Primeiras idéias. São Paulo: Humanitas Publicações / FFLCH/USP, 1998.
- _____. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 2004.
- FÁVERO, Leonor. *Coesão e coerência textuais*. 11. Ed. – São Paulo: Ática, 2006.
- _____. *Aspectos da coesão no texto falado*. São Paulo: Linha d' Água, nº 11, p.49-56, junho 1997.
- FÁVERO, L., ANDRADE, M. L. & AQUINO, Z. Correção no texto falado: tipos, funções e marcas. In: NEVES, M. H de M. M. (Org.) *Gramática do Português Falado*. vol. 7, 53-76. São Paulo: FAPESP/ Humanitas, 1999.
- FÁVERO, L. FÁVERO, L. L. A propósito das marcas de correção no discurso oral culto. In: PRETTI, D. (Org.) *O léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 211-225, 2003.
- FUCHS, C. *A paráfrase linguística: equivalência, sinonímia ou reformulação?* Trad. João Wanderley Geraldi. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, n. 8, v. 8, p. 129-134, jan./jun. 1985.
- GUIRAUD, Pierre. *A linguagem do corpo*. São Paulo: Ática, 2001.
- HILGERT, J. G. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: PRETTI, D. (ed.) *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP, 1993.
- _____. Paráfraseamento. IN: JUBRAN, C. C. A.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006, p. 275-299.
- HURCH, Bernhard et al. *Other reduplication phenomena*. Disponível em: <<http://reduplication.uni-graz.at/>> Acesso em: 10/09/2015

KOCH, Ingedore G. V. *A repetição como mecanismo estruturador do texto falado*. In: Encontro Nacional da ANPOLL, 7, 1993.

KOCH, I. G. V. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LEMOS, Ilsa Solka. *A comunicação não verbal: um estudo de caso*. UNIrevista, Porto Alegre, v. 1, n. 3, jul. 2006. Disponível em: <http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Lemos.PDF>. Acesso em: 17 maio 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *A repetição na língua falada: formas e funções*. Tese – Departamento de Letras, UFPE, Recife, 1992.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. São Paulo: Editora Ática, 2006.

_____. *Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa*. In: Veredas, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, jan./jun. 2002, p. 43-62. 106.

_____. *Perplexidades e perspectivas da Linguística na virada do milênio*. In: Mimeo, 2003.

PIZA, Carmelina de Toledo. *Entrou por uma porta saiu por outra, quem quiser que conte outra*. Americana, SP: Adonis, 2006.

SANT'ANNA, A. R. de. *Paródia, paráfrase e cia*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

SILVA, Luciana Pereira da. *Prática Textual em Língua Portuguesa*. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008.

SILVA, Lúcia Marta Giunta da et al. *Comunicação não-verbal: reflexões acerca da linguagem corporal*. Rev.Latino-Am.Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 8, n. 4, p. 52-58, ago. 2000. Disponível em: Acesso em: 10 jun. 2018.

SISTO, Celso. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Patricia Vasconcelos Almeida - Pós doutora em Linguagem e Tecnologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação em Letras e na pós-graduação nos programas de Educação (mestrado profissional) e de Letras (mestrado acadêmico). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq - Tecnologias e Práticas Digitais no ensino-aprendizagem de línguas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de professores, ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras mediado pelas tecnologias digitais, tecnologia educacional, ambientes virtuais de aprendizagem.

Mauriceia Silva de Paula Vieira - Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação e na pós-graduação. Possui experiência docente na educação básica, na formação continuada de professores alfabetizadores e de professores de língua portuguesa. Suas pesquisas se inserem nas seguintes áreas: ensino de língua portuguesa; leitura e práticas de letramentos; letramento digital e uso de tecnologias; análise linguística/semiótica em perspectiva funcionalista..

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aleitamento 162, 163, 164, 165, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177

Aprendizagem 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 22, 23, 24, 26, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 58, 59, 60, 63, 66, 68, 74, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 98, 102, 103, 116, 117, 122, 125, 128, 130, 135, 141, 153, 178

B

Bilinguismo 88, 92, 102

C

Competência leitora 119

Componente curricular 13, 14, 21, 22, 113, 119, 120

Conteúdos culturais 76

Cultura 23, 29, 32, 40, 42, 43, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 74, 75, 76, 78, 79, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 99, 102, 104, 110, 112, 115, 117, 118, 121, 124, 128, 136, 142, 143, 144, 145, 151, 155, 156, 157, 159, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 171, 175, 176

E

Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 17, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 31, 35, 36, 41, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 59, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 71, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 107, 109, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 147, 148, 150, 151, 160, 178

Enunciados 29, 40, 47, 48, 100, 111, 141, 142, 144, 146, 147, 148, 150, 152, 158

G

Gênero discursivo 28, 29, 31

Gênero textual 41, 130, 137

I

Inconsistências 51

Intercultural 22, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 63, 67, 68, 73, 74, 76, 77, 79, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 98, 99, 100, 103, 109

Interculturalidade 28, 30, 35, 36, 63, 64, 66, 67, 68, 99, 110, 112

Interferência 37, 39, 44, 47, 48

Interlíngua 37, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 53

Internacionalização 105, 106, 107, 108, 109, 112, 116

Inter-relações 141, 143

L

Leitura 1, 2, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 27, 36, 73, 83, 91, 102, 111, 112, 118, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 137, 138, 139, 142, 147, 153, 158, 174, 178

Letramento 12, 24, 36, 88, 89, 90, 91, 92, 98, 99, 100, 101, 103, 120, 122, 123, 124, 127, 128, 129, 131, 132, 151, 178

Língua 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 106, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 125, 127, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 148, 150, 152, 153, 158, 160, 161, 178

Linguagem 1, 2, 3, 5, 6, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 23, 24, 25, 26, 29, 30, 31, 35, 36, 48, 50, 60, 111, 112, 115, 117, 122, 124, 126, 129, 134, 136, 139, 142, 143, 146, 151, 154, 160, 161, 178

Língua inglesa 6, 7, 8, 13, 14, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 34, 37, 47, 48, 112, 113, 118, 178

Língua portuguesa 37, 47, 48, 63, 72, 73, 75, 76, 78, 87, 88, 90, 91, 93, 97, 100, 101, 102, 119, 121, 122, 125, 127, 130, 131, 132, 137, 140, 158, 161, 178

Línguas 2, 3, 5, 11, 12, 15, 27, 28, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 59, 60, 61, 62, 65, 67, 71, 73, 74, 76, 77, 80, 82, 86, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 98, 99, 100, 101, 103, 105, 106, 108, 113, 114, 116, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 149, 150, 151, 178

Literatura 5, 51, 54, 55, 74, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 153, 160

M

Materiais didáticos 51, 73, 92

Mitos 12, 101, 153, 155, 156, 159

P

Povos indígenas 88, 89, 90, 91, 92

Práticas 12, 23, 27, 28, 31, 34, 36, 40, 49, 63, 71, 72, 73, 76, 77, 87, 90, 92, 97, 99, 103, 106, 109, 122, 123, 125, 128, 135, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 166, 169, 176, 177, 178

Práticas de translinguismo 141, 142, 143, 145, 147, 148, 149, 150

R

Recursos linguísticos 23, 55, 60, 152, 159

Representação simbólica 162

Representações 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 43, 100, 133, 163, 167, 168, 169

S

Sistema linguístico 47, 53

Sociocultural 14, 39, 64, 68, 73, 80, 91, 99, 112, 162, 171

T

Tarefas 7, 41, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 71, 78, 80, 81

V

Varição linguística 13, 14, 15, 21, 24, 26

Violência 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 169, 174, 175



**EDITORIA
ARTEMIS
2020**